

plásticas

Volpi-70: um jovem

Jayme Maurício

Precipita-se, acelera-se e adensa-se a temporada, nesta sua arancada antes do fim do ano. Na *Petite*, logo após o fabuloso *Krajcberg*, sem qualquer pausa, o grande Volpi. Como acontece com quase todo verdadeiro artista, a idade não afeta Alfredo Volpi. É a pintura de um jovem cheio de entusiasmo e vontade de renovação que ele nos apresenta agora — a despeito de todo o seu perfeitíssimo artesanato, a despeito dos requintes e sutilezas de seu gosto. Há mais luz, mais claridade, mais ar livre e mais lonjuras no presente namoro de Volpi com formas abstratas que nas suas próprias bandeiras banhadas pelo sol brasileiro, de alguns anos atrás. Entretanto, Volpi conserva-se fiel ainda àquele tema, tirando dele novos

efeitos, sem se repetir ou se abusar — sem se comercializar, é claro. É impressionante mesmo a demonstração feita por ele da possibilidade de exploração exaustiva, prolongada, variada e revigorada de um tema que pareceria de possibilidades relativamente limitadas — um tema que não chega mesmo a possuir a riqueza ou a liberdade interna da natureza morta.

Mais purista quanto à forma, mais requintado quanto à textura, eis como surge o Volpi 70. A excepcional serenidade de suas composições vibram e cintilam com a quase tempestade de textura que o artista imprimiu à têmpera. Neste característico, Volpi evoca um Van Gogh, embora este último nada deva ter ensinado a ele, nem mesmo em matéria de textura.

É impressionante ainda como os geometrismos de Volpi podem alçar-se a um tal purismo, sem fazer quase concessões à linha reta. Imagine-se as não-arestas de um Gaudi produzindo a impres-

O FIM É A MENSAGEM



são de um Mondrian. Não parece impossível? Não parece jôgo de palavras? Entretanto, o efeito conseguido por Volpi, em suas últimas produções poderia ser aproximadamente **localizado** por meio daquela insólita associação. Há entre as obras agora na *Petite*, uma vasta composição, em particular, na qual aquele efeito atinge proporções incríveis. Uma estrutura em colméia parece ceder à gravidade, sem ameaças de desabamento, mas também sem o mais leve sinal da tensão das catenárias. Estranho repouso está ali captado!

Volpi ama demais a trama de estruturas para que se possa dizer que ele antecipou a **minimal**. Além do mais, seu próprio temperamento não é **minimal**. A **minimal** ou é tensa ou visa a um tipo de neutralidade e de despojamento que Volpi nunca quis expressar: Volpi guarda mesmo uma variedade de compromissos com temas e sentimentos bastante concretos, que não encontraria possibilidade de abrigo naquela modalidade de arte. Não

obstante, há algo de comum entre ele e alguns minimalistas. Talvez na textura, apesar de a **minimal** não consentir em seus requintes.

É difícil situar-se o Volpi de agora, principalmente se se leva em consideração os caminhos de seu trabalho. Existem vagas afinidades, ora sob um aspecto, ora sob outro, com artistas americanos e saxões. Pergunto-me se, a despeito das muitas diferenças e dos muitos antagonismos, mesmo, ele antecipou também um Barnett Newmann, por exemplo. A fidelidade de Volpi às suas inspirações e aos seus interesses originais, seu grande amor ao concreto das coisas continua, porém, presente nas incursões que o levam mais longe do figurativo ou do simbólico.

Com um lastro tão grande de produção e invenção em sua longa carreira, Alfredo Volpi — é formidável — ainda é uma grande promessa — não importa o quanto já a tenha cumprido. É extremamente compensador o reencontro com um dos mais expressivos mestres da pintura brasileira de qualquer tempo em termos de juventude, aventura e renovação. A crítica de arte responsável deve começar a cogitar o nome de Volpi para o **Golfinho de Ouro** do MIS, em 1970. Antes que algum aventureiro lance mão dele...

OM 15-11-70